

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 1\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	JOSÉ DO EGYPTO.
Politica e politicos.....	TOB.
Olhar de minha mãe.....	S. SOUZA JUNIOR
O Brazil e os brazileiros	YLANG-LANG
Comedia dos deuses.....	TH. DIAS.
Equivocou-se.....	PIFF-PEFF.
Vindicta (3 sonetos em 1)	H. DE MAGALHÃES.
O leite.....	G. DE MAUPASSANT.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Paginas esquecidas, <i>A tra-</i>	A. DE LIMA.
<i>vez dos Seculos</i>	
Soneto a premio.....	
Theatros.....	
A vida elegante.....	LONGNON.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Poesia e poetas.....	A. SÉVIERO.
Factos e noticias.....	
Collaboração; <i>A Sultana,</i>	C. DE ASSIS.
<i>soneto</i>	D. PASTEL.
Tratos á bola.....	CABRION.
Receitas culinarias.....	
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 8 de Agosto de 1885

HISTORIA DOS SETE DIAS

Quem quer que sejas, leitor, és feliz. Não protestes... E' inutil; não me desconvencerás de que és feliz.

Não me repliques que não tens dinheiro nem saúde, mas tens sogra. Que importa?

— Não és chronista da semana, não tens obrigação de entregar na sexta-feira pela manhã ao implacavel mestre José—a *historia dos sete dias*:—és feliz.

Qual! Tu não imaginas, leitor, que supplicio! Naturalmente seria este o que o *carnefice* da *Theodora* inventaria para arrancar a Marcello o segredo fatal, se a imperatriz, a *Divinidá*, não lhe atrapalhasse o capitulo.

Calculem que bello effeito theatral! Indiquemos a scena:

JUSTINIANO

Algoz, inventa alguma nova tortura, bastante horrivel para fazelo soffrer sobrehumanamente, e prolongada até que elle vomite o segredo infame.

MARCELLO

Céus! Estou convidado!

THEODORA (a Marcello)

Desgraçado! Estás ahí estás pondo tudo em pratos limpos.
(O algoz medita, com o furabolo encostado á frente).

JUSTINIANO (ao algoz)

Então, esse supplicio que saia!

ALGOZ

Prompto, patrão: achei!(aos seus ajudantes:) Tragam-me penna, papel e tinta e os ultimos jornaes, principalmente o — *do Commercio*.

MARCELLO (tremendo como varas verdes.

Será, porventura? ...

ALGOZ (apontando Marcello)

Escreverá a *Historia dos sete dias*!

JUSTINIANO

Bravos! bravos, rapaz!

THEODORA

Andréa está perdido! Essa infeliz vai dizer tudo!

MARCELLO

Pielade! Matem-me de qualquer modo:—a fogo lento, rodado, expremido, torcido, picado, cozido, frito, esfolado... Tudo! tudo—menos—a chronica da semana.

Olhem! escreverei *musas do Povo*, escreverei a *psychologia da imprensa*, o *Diario do Brazil*, as *balas de estalo do João Velhinho*, o artigo de funilo do *Apostolo*, as *defunctas Artes e manhas*, menos... menos a chronica!

JUSTINIANO.

E' bene! Escreverás... a chronica!

Marcello desmaia dez vezes num minuto; Theodora treme, Justiniano sorri cruelmente, os espectadores choram, o carrasco põe deante do condemnado uma resma de papel em branco, um barril de tinta, uma penna de ganso e os jornaes da semana...

O vos omnes, qui transit per viam, não podeis comprehender tolo o horror d'esse quadro funebre. E' para vós, Pimenta, Fonseca, Joaquim Maria, companheiros de supplicio, somente para vós o sentir-lhe a hediondez.

Não exagéro, leitor; acredite que não exagéro. A cousa é assim mesmo — tétrica e feia como tive o desprazer de pintal-a.

A um homem que disponha do «necessario para escrever», inclusive alguma intelligencia, não será por certo difficil fazer a chronica da semana, historiar os factos e os acontecimentos dos sete dias decorridos, desde que hajam acontecimentos e factos historievéis. E é isso exactamente o que aqui não ha; mas tambem—só isso.

Bem sei que em sete dias nasce muita gente (os bichos não se contam) baptisase, casa-se, morre muita gente; furtam-se muitos queijos ás vendas e muitos beijos ás moças; pregam-se muitos calos e muitos carapetões; dão-se facaldas e pontapés; fazem-se asneiras e favores... bem o sei.

Mas, Deus meu, toda essa frandulagem, alegre ou triste, feia ou bonita, impura ou casta, não é dos dominios da chronica, mas do noticiario miúdo, das occurrencias diversas, da *gazetilha*.

E tiran-lo-o, que nos fica?
Ai de mim! ai de vós, historia-lorez semanaes!

Pensam talvez que isso foi um meio esperto de escrever a historia—não a escrevenlo?. Se pensam, offenlem-me e desolam-me destemperadamente.

Palavra de honra que é aquillo a verdade—minha como a cabeça do deputado Fernandes Malherbe Rosas, eria como o crã D. Pedro de Aragão, que tão bem se dá *No seio da morte*, e pura como o Conservatorio Dramatico.

Olhem, von lhes mostrar que o é. Aqui tenho a tira de papel em que apontei as cousas chronificaveis da semana, que pule pescar no *mare magnum* ensosso e revoltado da jornalada fluminense. Vou mostral-a, no sen flangrante desalinho de realidade:

« Vais na Camara — Callado em viagem — Conferencia Ruy Barbosa no Polytheama — Derby Club, Bargossi — Festejos do 7 de Setembro pela Illustrissima — Tentativa de suicidio da florista —... »

E mais... nada.

— Das vaias parlamentares nada diremos por dois ponderosos motivos: — para não entrar pela seira de *Tób*, o uosso collega a quem eabe a calamitosa missão de chronificar a politica dos sete dias, e para poupar á angustia Camara a gyrandola de adjectivos energeticos e dolorosos que teriamos de applicar-lhe ás abas da casaca, na impossibilidade de lhe assentarmos na dignissima nua um caustico piedoso e descommunal.

Limitamo-nos a registrar, como qualificação unica applicavel a esses actos vergonhosos dos nossos caros representantes, a phrase indignada do illustre moço Affonso Celso Junior, um deputado que honra o seu paiz: — *Desfaçatez inqualificavel, cynismo revoltante*.

Estas palavras são duras; mas para essas cousas é que se fizeram taes palavras.

— Do Sr. Callado não falaremos. O que d'elle tinhamos a dizer — dissemo-lo já. S. Ex. vem *justificar-se*. O governo ha de naturalmente, depois de ouvir o em confissão, absolvel-o plenamente dos seus peccados, e S. Ex. partirá para a Russia, lava-lo de culpa e pena, caudido como as candidas pombas, a representar o Brazil na corte de S. Petersburgo. Ah! se eu fosse a corte de S. Petersburgo!... O que vale ao ministerio, ao Sr. Callado e ao Brazil é que eu não sou a corte de S. Petersburgo.

— Da conferencia do Sr. conselheiro Ruy Barbosa diremos apenas que vimos um tachygrapho stereotypando-a, o que significa que dentro em pouco

poderão todos ler essa admirável peça oratoria, de uma eloquencia arrebatadora e de um sarcasmo implacável, mortífero.

— Sobre o que foi a inauguração do Derby Club, e sobre o casal Bargossi — um par de locomotivas humanas — já o publico está sufficientemente informado e d'elle nos occupamos em outro logar d'esta folha.

— Restam-nos os futuros festejos do 7 de Setembro e a tentativa de suicidio da florista de Mme. Rosenwald.

Deixemos este caso. Lamentamol-o, mas absteemo-nos de commentar a por deligencia de dados. A menina diz que tentou suicidar-se [por não poder mais supportar o mau tratamento de sua patria; esta, que a pequena tinha derriço com um visinho, a deshoras, da janella, e por isso a reprehendeu um tanto *riamente*. A verdade deve estar entre os dois extremos, como sempre.

Junte-se um pouco do que ambas dizem e estará explicado o triste acontecimento. Felizmente não passou do escandalo, do susto e de algumas contusões.

— A Illustrissima vai fazer jús ás eternas luminarias d'esta heroica cidade reerguendo do « profundo abatimento em que jazia » o entusiasmo publico pela patria independencia.

Em boa hora lhe veio tão boa idéa. O programma das festas, já publicado, é realmente de arromba, de se lhe tirar o chapéu com todo o respeito.

Iluminações, coretos, musicas, parque de artilheria, foguetorio, espectaculos gratuitos, regatas, cartas de liberdade, marcha *aux flambeaux* — o diabo a trinta e dois!

Sim, senhora Illustrissima — muito bem; muito bem.

Ora até que entim a nossa Edilidade vai-se fazendo digna, além da nossa « gratidão eterna », das nossas cordeas sympathias.

Estiquemos a nossa fibra patriótica, escovemos o nosso entusiasmo empoeirado, encommendemos commoção e *vivas* — para as grandes festas que se aproximam.

E a policia que se previna para acalmar o superabundante entusiasmo dos capoeiras pelo grito do Ypiranga.

Viva o dia 7 de Setembro, sim; mas, morrer por morrer, morra a nossa Independencia, que é mais velha.

JOSÉ DO EGYPTO.

A propria exaggeração desarma o es pantô.

L. DELFINO.

POLITICA E POLITICOS

Os que frequentam as tribunas e galerias da sala onde a camara dos deputados trata dos negocios publicos, a tantos mil réis por dia, sabem que ali é uso, quando um angusto quer rectificar a sua opinião, bradar

— Apello para o nobre deputado, que sabe destes factos.

E o nobre deputado, appellado nominalmente, respon le cheio de convicção e perdigotos:

— Apoiado. E' a pura verdade.

Nunca, porém, ninguem chegou á afinação do Sr. Fleury; que agora preside interinamente os trabalhos da camara, desle que o Sr. Franktin Doria poz-se ao fresco da cadeira de que se podia dizer, se não fosse tão chapa, que tem a espada de Damocles suspensa sobre o espaldar de espinhos, para quem não sabe cumprir com o seu dever.

O caso foi este:

O Sr. ZAMA (ora se não havia de ser o Sr. Zama!) requereu o encerramento do art. 5º do projecto que vai felicitar o paiz, tranquillizando a lavoura.

O Sr. PRESIDENTE.— Os senhores que approvam em 2ª discussão o art. 5º que diz — Ficam revogadas as disposições em contrario, queiram levantar-se.

Levanta-se a hoste pradista, que está sustentando o gabinete na rabadilha do grupo Zé.

O Sr. PRESIDENTE.— Foi approvedo. Os Srs. que entendem que o projecto deve passar á terceira discussão...

O Sr. CANDIDO DE OLIVEIRA.— Peço a palavra.

O Sr. PRESIDENTE.— Tem a palavra.

O Sr. deputado que pediu a palavra exigiu que fossem discutidos os substitutivos, que o Sr. presidente queria atirar ao limbo. Nesta discussão de ordem tomaram parte Joaquim Nabuco, Alfonso Celso e José Marianno, prolligando o procedimento da mesa, e o Sr. Zama (ora se não havia de ser o Sr. Zama!) defendendo-o.

Terminado o incidente, o Sr. presidente declarou... dou uma, dou cem, dou mil aos leitores para adivinharem: declarou que o projecto já havia passado á terceira discussão, quando a camara e os circumstantes bem viram que nem S. Ex. chegou a concluir a consulta, quanto mais a votação!

Levantou-se, como era justo, grande celeuma. E adivinhem como o Sr. Fleury sahio-se do embrulho? Dou agora cincoenta mil ao leitor para ver se acerta: o Sr. Fleury consultou a Camara se não era exacto que o projecto já havia passado á terceira discussão!

Consultar a Camara sobre um facto esta so lembraria ao conego Fclippe, ao diabo e ao Sr. Fleury.

Desde que S. Ex. está nessas disposições e tem por si a maioria hybrida que apoia o governo, faça um favorsinho a este seu amigo.

Depois de amanhã consulte S. Ex.:

— Os senhores, que entendem que é magnifico o nosso estado financeiro queiram levantar-se...

A maioria levanta-se e o cambio sobe que é um regalo.

TOB.

As palavras de amor são sempre as mesmas; porem tomam o sabor dos labios que as proferem.

GUY DE MAUPASSANT

OLHAR DE MINHA MÃE

Aquelle olhar que sinto em mim fixado, Inquieto, indagador, tem tal ternura, Que mais o vejo e mais se me afigura Ver dentro escripto nelle o meu passado.

Nasceu quando eu nasci; foi a meu lado, Naquelle suavissima doçura, Como estrella a guiar-me em noite escura, E sempre o meu abrigo, eu—seu enidado

Olhar de minha mãe, tão casto e santo, Se me foges ás vezes é que o pranto, Quando soffro, occultar-me tu desejas...

Então sorris chorando... Uma tormenta A' luz do sol... Olhar que me sustenta, Olhar de minha mãe, bemdito sejas!

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

O atheismo é o horisonte das más consciencias.

ARSÈNE HOUSSAYE.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL. A UM BRAZILEIRO NA CHINA

II

« Meu caro Luiz.

Quando ha dez annos desembarquei no caes Pharoux, em companhia de Teliu-Lin, — o meu velho e experimentado amigo, que a cachaca brasileira devia matar — ao contemplar com olhos deslumbrados a capital do unico imperio americano, senti a estranha e quasi inexplicavel impressão de haver chegado a uma grande cidade chinesa: Hong-Kong, por exemplo.

Como o d'esta, o panorama da cidade do Rio é a um tempo encantador e impo-nente, desenrolando pela lombada de uma montanha a sua enorme casaria, até vir mergulhal-a nas aguas.

As numerosas torres das egrejas substituiam os *chalets* e os *pagódes*, e a celagem prismatica do firmamento americano dava á cidade o pittoresco que lhe faltava e sobra em Hong-Kong pela variedade e vivacidade das cores e pelo bizarro das formas architectonicas. Mais tarde verifiquei ser mais profunda e estreita a semelhança entre as duas grandes cidades.

Vaes vel-a: Ambas — Rio de Janeiro e Hong-Kong, — são bonitas e sujas; o pittoresco do panorama e a riqueza das construeções contrastam lamentavelmente com a irregularidade e desasseio das ruas, mal calçadas, estreitas, mais ou menos sujas, com a multidão de homens de cor, negros e amarellos, mal trajados, morrinheiros, uns trabalhando no carregamento de mercadorias, outros passeando ou conversando indolentemente, de cooras ou deitados; todos fumando.

Eis aqui outro grande ponto de semelhança entre a cidade chinesa e a brasileira: — o fumo. O fumo faz nesta o que naquella faz o opio; como este, li, e aquelle usado aqui geralmente, com insignificante numero de excepções, e sob as mesmas formas: — em rolos ou eachimbos que se accendem e aspiram, ou mascado, como o *betel* pelos indianos, ou em pó, sorvido pelas ventas. O brasileiro apenas não usa do fumo em pilulas, com faz o chinês ao opio.

O commercio do Rio de Janeiro pertence quasi todo aos estrangeiros, tal como o de Hong-Kong; nesta são os inglezes os seus monopolisadores, naquella os portuguezes. Os nacionaes — por sua indolencia propria, devida ao clima e aos cruzamentos de raças e pela pouca energia moral e fraqueza de vontade do seu caracter — deixam-se vencer pela actividade febril mas methodisada e pela pertinacia d'animo dos portuguezes e pelas outras qualidades dominativas dos francezes e dos inglezes; de forma que se vêm obrigados a supportar e a reconhecer a supremacia mercantil dos seus hospedes.

Não te parecem interessantes estes pontos de semelhança entre as duas grandes cidades, tão diversas, aliás, a mil outros respeitos?

Accresce que ao desembarcar, ao dar os primeiros passos na primeira cidade da America do Sul — como aqui se diz — surpreendeu-me de modo singular a multidão de homens de cor: — negros, amarellos, pardos ou *mulatos*, como aqui lhes chamam, de cem variedades de *tom*, — que eu via formigando pela praça, agitando-se pelas ruas.

Isso deu-me a impressão de um porto asiatico, especialmente Hong-Kong. Depois fui vendo muitos *brancos*, mas quasi todos de cor morena e cabellos negros, se não são estrangeiros os louros, são filhos de estrangeiros.

Os teus patricios, meu caro, parecem-se quasi todos contigo; para descrever-te os bastar-me-á descrever-te a ti proprio.

Faze o favor de ir ao espelho e de examinar com alguma attenção o teu physico. Pouco recommendavel, ein? É verdade que sempre o é mais do que o meu, mas não é de mim que se trata.

Pois na sua grande maioria são os teus patricios como tu: magros, pallidos, compleição delicada e flébil, nervosos, impressionaveis.

Não são esses, contudo, os que menos trabalham e menos vivem. A anemia, como sabes, disfarça-se ás vezes em gordura; é talvez por isso que ha aqui muitos obesos que não poderiam resistir a um piparote dos meus nervos e dedos osqueléticos. É escusado dizer-te que ha muitos brasileiros, mesmo no Rio de Janeiro, robustos e corados, temperamentos á prova de... medico, que muito honram a terra de que são productos.

Vé tu quanto é poderosa a força centralisadora da capital do imperio, que a mim proprio ia-me absorvendo, afastando-me do vasto assumpto de que, para te ser agradavel, tenho de tratar, bem ou mal; obrigando-me, sem que eu sentisse, a falar-te d'ella, o capital quando o que eu desejo é primeira e principalmente traçar-te a physionomia moral do teu paiz, mostrar-te a grandes pennadas o que é o teu, o nosso Brazil.

Tu conheces a musica do Wagner? Has de conhecê-la, ao menos de nome, o que será caso para felicitar-te cordalmente.

Sabes que a musica do grande mestre allemão é geralmente chamada— a musica do futuro. Uma pilheria franceza mais profunda do que o pensa quem a inventou; se é que já não foi purgal-a no outro mundo.

Pois bem, o Brazil parece-me uma opera do Wagner.

É, physica e moralmente falando, um paiz accidentado, complicado, violento, fêrvido, estronhoso, abstruzo, assombroso, grande, adoravel, insupportavel e incomprehehivel. Um paiz—do futuro, em summa.

Já sei que não entendeste.

Pois isso mesmo é o que eu queria. O que justamente desejava era dar-te a idéa que eu formo do teu paiz; ora essa idéa é a mesma que formo da musica do grande patriarcha de Beirnth.

Mais obscuramente, talvez: eu não entendo este paiz. Acho-o a um tempo mesquinho e grandioso, sublime e insignificante, extraordinario e banal.

Sinto-o «tallado para as grandezas, pr'a crescer, crear, subir» tendo «nos musculos a seiva do porvir» como do Novo Mundo exclamou um poeta patricio teu:—Castro Alves.

Mas se considero as suas condições ethnographicas, reconheço que o organismo juvenil d'este enorme paiz é trabalhado poderosamente por terriveis elementos morbidos, fúnestos, entre os quaes avulta e domina a Escravidão, numero hediondo, voracissimo, que nasceu com elle, por assim dizer, e que o tem reluzido em poucos annos ao estado misérrimo de um d'esses velhos paizes orientaes que desapareceram da face do mundo, apodrecidos, devorados pela syphilis secular de todos os vicios, deixando na Historia como signal do logar em que se afundaram— uma poça immensa de sanie mephtica.

O regimen da escravidão minou e rontaminou todos os ramos sanguineos d'este gigantesco organismo, afrouxou-lhe todos os musculos, careou-lhe toda a ossatura pachidermica, infeccionou-lhe todas as cartilagens, hyponthizou-

lhe inteiramente os nervos; e de tal sorte que fez d'este paiz novissimo, virgem, assombroso, em pleno vicio primaveral— um velho prematuro, decrepito, idiotado, meio podre.

Addiciona á Escravidão — o sedentarismo, o apego ferrenho ás tradições, o terror fanatico por todas as ousadias progressistas, o respeito supersticioso aos factos consummados, qualidades nocivas que os brasileiros herdaram de seus paes — os portuguezes; — a inclemencia d'este clima torrido que faz do trabalho uma tortura, da actividade um sacrificio; a ignorancia profunda, o cego analfabetismo do povo, disseminado por longinques e selvaticas provincias; a influéncia pernicioso do governo imperialista — esta inveterada e chronica autocracia disfarçada, este despotismo fanhoso e mellifno, de sapatos de duraque e cartola democratica... e terás as principais causas do *atrazo progressivo* d'este paiz, digno de melhor sorte, e comprehenderás a minha atrapalhada synthese de ha pouco.

Hoje não irei mais longe.

Na proxima carta dar-te-ei passageira idéa dos estragos e dos males que a Escravidão, em concurso com aquelles outros elementos perniciosos, tem causado ao teu pobre paiz.

Adeus; vou-me ao meu arroz — seu mais pausinhos nem ceremonias.

É's servido?

YLANG-LANG. »

A Redacção d'esta folha declara que não é nem pode ser solidaria com todas as idéas expendidas nestas cartas, as quaes, todavia, não alterará de uma virgula sequer, deixando ao criterio dos leitores julgar-as livremente, como em sua consciencia entenderem.

N. DA R.

COMEDIA DOS DEUSES

Do illustre poeta Theophilo Dias recebeu o director d'esta folha a seguinte carta:

« Eston passando a limpo a *Comedia dos Deuses*. Não é um trabalho original. É um poema extrahido do *thasviro* de Quinet, — tenue e crystallina gotta colhida num intermino oceano de poesia. A differença é que o grande oceano é em prosa sublimemente poetica, e a leve gotta apparecerá crystallizada e facetada em versos rimados.

« A primeira parte do *thasviro* do Quinet prende-se ao todo da obra por um fio tão imperceptivel que se pode quebrar sem prejudicar a acção geral. É em si mesma uma acção completa; é a acção do divino no tempo e no espaço, desde a ereação até o nascimento do Christo.

« A unidade entre os cantos é tão estreita, os vinculos de dependencia tão apertados que a leitura de um trecho avulso desmerece extraordinariamente. Não quero dizer que perde absolutamente o valor. Mas no seu logar, que differença!

« Não obstante estas apprehensões, accessiveis e familiares ao teu espirito de artista, mandar-te-hei, ainda que exclusivamente constrangido pela tua exigente amisade, um fragmento para a *Semana*.

Do teu etc.

THEOPHILO DIAS. »

O LEITO

(VERSÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

Em uma das tardes torridas do ultimo estio o grande *Hotel des Ventes* parecia adormecido, e os *commissaires-priseurs* adjudicavam os objectos com

uma voz monotona e quebrada. No primeiro andar, em uma sala do fundo, jazia a um canto num lote de antigas sedas de egreja. Eram soleiras, capas d'asperges e graciosas casúlas, em que grinaldas bordadas enroscavam-se em torno de letras symbolicas sobre um fundo de seda amarelhada, que de branca se tornara cor de creme pela acção de tempo.

Alguns revendedores esperavam, homens de barbas repugnantes, e uma mulher ventruda, uma dessas denominadas « *marchandes à la toilette* », conselheiras e protectoras de amores prohibidos, que tanto traficam com a carne humana, nova ou velha, como com os pannos e fatos, velhos ou novos.

Eis, no emtanto, que se põe á venda uma pequenina casula Luiz XV, linda como um vestido do marquezia, perfeitamente conservada, com uma procição de junquilha em volta da cruz, de longos iris azues subindo aos pés do sagrado emblema, e, nos cantos, coroas de rosas. Comprei-a; e ao receber-a percebi que della se exhalava um vago aroma, como penetrada ainda de um resto de incenso, ou antes: — como ainda habitada por essas subteis e doces emanções do Passado, que parecem lembranças de perfumes, a alma das essencias evaporadas.

Em casa, destinei-a para cobertura de uma cadeirinha da mesma epocha encantadora; mas, meneando-a, para tomar as medidas, senti sob os dedos um contacto aspero de papeis. Descozendo a dobra, algumas cartas cahiram de dentro da casula aos meus pés. Estavam amarellecidas, e a tinta esmaçada tinha a cor da ferrugem. Sobre uma das faces da folha, dobrada á moda antiga, havia estas palavras, escriptas por mão delicada:

« Ao Sr. Abbade d'Argencé. » As trez primeiras marcavam *rende-vous*, simplesmente. Eis a quarta:

« Meu amigo, estou doente, muito doente e não posso abandonar o leito. A chuva está rufando nas minhas vidracas, e eu fico mollemente, callidamente pensativa, no calor das roupas. Tenho nas mãos um livro, um livro que eu amo, que me parece feito com um pouco de minha propria pessoa. Devo dizer-lhe qual seja? Não: o Sr. ralharia commigo. Depois que leio um pouco, fico a scismar, a scismar; e vou-lhe dizer em que.

« Puzeram-me atraz das costas travesseiras em que me recosto para conservar-me sentada, e escrevo-lhe sobre a mimosa escrevaninha que me deu de presente. Estando ha trez dias no meu leito, é no meu leito que penso, e mesmo dormindo penso nelle.

« O leito, meu amigo, é toda a nossa vida. Nelle se nasce, nelle se ama, nelle se morre.

« Se eu tivesse a penna do Sr. de Crebillon eu escreveria a historia de um leito. Quantas aventuras commoventes, terriveis, graciosas, enternecedoras! Quantos ensinamentos e quantas moralidades não se aproveitariam della, para todo o mundo?

« Conhece o meu leito, meu amigo; mas não imagina que de cousas ha trez dias descubro nelle, e como o amo, cada vez mais! Parece-me habitado, visitado, direi melhor, por uma porção de pessoas, de cuja existencia nem suspeitava, e que, no emtanto, deixaram alguma coisa dellas nesta cama.

« Como pode haver quem compre leitos novos, leitos sem memorias? O meu, o nosso, tão velho, tão usado, tão espacoso, deve ter conhecido muitas existencias, do nascimento á morte. Pense nisso, meu amigo; pense em tudo isso e ha de encontrar vidas in-

teiras entre estas quatro columnas, sob este estofado estendido sobre as nossas cabeças e que tantas cousas deve saber: (que não tem elle visto nos trez seculos que ali tem estado?)

« Olhe, aqui está estendida uma moça. De tempos em tempos solta um suspiro, depois um gemido; cercam-na seus velhos paes; e eis que sac della um entesinho crispa lo, enrugado, miando como um gato. E' um homem que começa. Ella, a joven mãe, sente-se dolorosamente feliz; soffoca a alegria ao ouvir aquelle vagido, o primeiro, estende os braços, falta-lhe o ar, e em volta choram com delicias; porque este pedacinho de creatura viva, separado della, é a familia continuada, a prolongação do sangue, do coração e da alma dos velhos que o contemplam, tremulos.

« Agora, são dois amantes que pela primeira vez se encontram, carne com carne, neste tabernaculo da vida.

« Tremem, transportados de alegria; sentem-se junto um do outro, deliciosamente; e, pouco a pouco, as suas boccas se approximam. Confunde-os este beijo divino, este beijo que é a porta do céu terrestre, este beijo que canta as delicias humanas, que as promette todas, que as annuncia e que as precede.

Que haverá de mais suave, de mais perfeito no mundo do que esses abraços fazendo um só de dois entes, e dando a cada um no mesmo instante o mesmo pensamento, o mesmo desejo e a mesma doida alegria, que desce nelles como um fogo devorador, mas celesste?

« Pense agora na morte, meu amigo, em todos os que exhalaram para Deus o seu derradeiro suspiro neste leito. Sim, porque elle é tambem o tumulo das esperanças mortas, a porta que fecha o mundo, pouco depois de haver sido a porta que o abre. Quantos gritos, quantas angustias, quantas dores, quantos desesperos melancolicos, quantos gemidos de agonia, quantos braços estendidos ao Passado, quantas invocações ás felicidades extinctas para sempre, quantas convulsões, quantos estertores, quantos esgares, quantas boccas contorcidas, quantos olhos virados — não tem visto e não tem ouvido este leito, — don'te lhe escrevo, — durante os trezentos annos em que tem prestado abrigo aos homens?!

« O leito, creia, é o symbolo da vida; convenci-me disso ha trez dias. Fora da cama não ha nada realmente bom.

« Não é o sonho um dos nossos melhores momentos?

« Mas é tambem no leito que se soffre! Elle é o refugio dos doentes, um logar doloroso para os corpos esgotados de forças.

« O leito é o homem. Jesus, Nosso Senhor, para provar que na La tinha de humano, parece não haver tido nunca necessidade de um leito. Nasceu na palha e morreu na cruz, deixando ás creaturas como nos a molle cama do repouso.

« Quantas cousas mais não me vieram ao pensamento?! Mas não tenho tempo de contar-lhas; e, quando tivesse, lembrar-me-iam todas? Além de que estou tão cansada que vou fazer retirar os travesseiros, estender-me a fio comprido e dormir um pouco.

« Venha ver-me amanhã, ás trez horas; talvez eu já esteja melhor e possa provar-lho.

« Adeus, meu amigo; aqui tem as minhas mãos: beijê-as; e aqui estão tambem os meus labios... »

GEY DE MAUPASSANT.

VINDICTA

(TREZ SONETOS EM UM)

Ai! não te a loro, não!
Meu peito não te quer,
Findou-se o teu condão.
O' pallida mulher,

Só sabes apreciar
O ricaoço senil
Tu não sabes amar,
Só sabes o que é vil!

Domina-te a vaidade;
E's fátua, muito fátua,
Ouve-me esta verdade:

O povo inda te incensa:
Mas eu desprezo a estatua!
Lanço-te ao rosto a offensa,

não penses que te preso;
ô desbotada flôr...
Se é grande o teu desprezo,
foi grande o meu amor!

o potentado Cresco,
p'ra ti só tem valor,
anjo á materia preso—
Tu já não tens pador!...

amas a pompa estulta...
és hoje uma impudica,
o mundo não te insulta,

é porque tu tens ouro!
O' prostituta rica,
arrojo-te ao desdouro!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Estes dois sonetos, distinctos e completos, formam um terceiro, em alexandrinos, lendo-se como se fossem um só.

N. da R.

Equivocou-se

Nise era uma *cocotte* conhecida
por quasi meio mundo;
rapariga feliz de larga vida.
Luxuriosa e que sabia a fundo
todas as vis dissoluções da moda;
que, bohemia bella,
ostentava nas praças, francamente,
com presumpção, seus vicios elegantes.

Um dia, numa roda,
um dandy disse que ella,
a Nise, a moça livre, so de amantes
tinha uns nove ou uns dez seguramente.

Porém uma senhora
prudente e seria, que na roda estava,
o dandy interrompeu: «E' o que faltava,
Dez amantes apenas!» e em voz alta
assim continuou: «Eu quero agora
de amantes ter o mais que á Nise falta!»

PERF

COPRE DAS GRAÇAS

— Conheces o Tamagno?
— Conheço — de ouvido.

De um jornalista *encoberto*, de quem
se fala bastante, mas de quem se não
cita nenhum artigo passavel, dizia um
dia destes, *Eloy o heróe*:

— E' um jornalista — á milaneza.

— Não imaginas como é estúpida
aquella minha prima; dizia o A. ao L.
na rua do Ouvidor, ao passar uma
moça, que elle complimentou familiar-
mente.

— Pais é pena: — é bem bonita!

— Uma estúpidez córnea, meu caro;
insistio o A.

— Eis aqui um ponto de semelhança
entre tie e Balzac: — Tambem tens a
tua *Cousine Bette*.

Um surdo, que passava no momento
— desmaiou.

Na rua de S. Bento existia; em S.
Paulo, uma loja de amolador com esta
inscripção na parede:

« Ao médico das *thesouras e navalhas*. »
Eis ali um doutor em amolação!

BIBIANO

PAGINAS ESQUECIDAS

Sob este titulo abrimos hoje esta
secção, unicamente destinada ás perolas
litterarias que o po do esquecimento
cobrio nas sombras do passado, mais
ou menos remoto.

Quantas formosas paginas da nossa
e da litteratura portugueza não estão
hoje esquecidas? Relembra-las é o nosso
desejo e fim. Neste logar, sempre que
for possível, encontrarão os leitores
uma dessas paginas, em prosa ou em
verso.

Ao lado das preciosas joias litterarias
do momento actual, quer *A Semana* col-
locar as velhas joias deslembradas, cujo
brilho o po do tempo não conseguiu
marear.

Ao lado de bellas paginas ineditas,
desconhecidas — as bellas paginas, ou-
trora famosas, mais não relidas.

E' um logar para resurreições — este.
Releiam-se e revivam as — paginas
esquecidas!

Para principiar, offerecemos-lhes uma
belíssima poesia de Augusto de Lima, o
inspirado poeta mineiro, que tão admi-
ravelmente começou a sua carreira
poetica, hoje interrompida pelos arduos
trabalhos da sua profissão de magis-
trado.

Atravez dos seculos vio a luz em
S. Paulo, em o n. 10 d' *O Bohemio* (8 de
Outubro de 1881) hebdomadario illus-
trado, de que foi director o d'esta folha.

ATRAVEZ DOS SECULOS

*O globo estava escuro, o firmamento — baço;
Arrebatado na aza invisivel dos ventos,
Eu ouvia gemer no indefinido espaço
As velhas gerações e os seculos poentos.*

*Filhos de antigos sóes, filhos dos novos dias,
Monstros, idolos, reis, virgens de rostos pulchros,
Corpos vazios d'alma, almas — de amor vazias,
Erguiam-se a meus pés, do fundo dos sepulchros.*

*Como ondas que as marés não arrojando ás plagas,
Num denso remoinho electrico de gritos,
Eu ria o turbilhão dessas humanas vagas
A ferver no cairal dos tempos infinitos.*

A guerra fratricida, a tyrannia, o roubo,
A prostituição, as tramas hediondas,
Messalina—a devassa, Heliogabalo—o tobo,
Todos ei, a rolar, arrastados nas ondas...

E o vento cada vez tornava-se mais forte,
E o ruído crescia, e a tréva era mais densa...
Nisto, ouvi rebentar dos ragalhões da Morte
Um grido, que ecôou pela abobada immensa...

E subito acalmou-se a agitação das massas,
O vento me depoz, Um estellino albor
Vinha lavando o céu das lugubres fumaças;
Era a constellação das lagrimas do Amor.

AUGUSTO DE LIMA

As mulheres romanescas amam os
homens prosaicos. A natureza não quer
perder os seus direitos.

A. HOUSSAYE.

SONETO A PREMIO

Vide ns. 28 e 31 d'A Semana.

Temos quinze concurrentes.

Durante esta semana recebemos mais
os sonetos dos seguintes Srs.: Ovidio
Mello, D. Maria Zalina Rolim, F. Alipio,
Bernardo de Oliveira, M. Pinto
Neves, M. Galvão Sobrinho.

A Normandia é a terra da maçã.
A maçã é o fructo de Eva. E' por isso
que a mulher é sempre um pouco nor-
munda em amor.

A. HOUSSAYE.

THEATROS

THEODORA

Muita gente foi lograda com a repre-
sentação da celebre *Theodora*, de Sar-
dou, trazida até nos pelo Sr. Chiacchi.

O publico correu ao theatro S. Pedro
contando ver maravilhas, e voltou
convencido de que nem tudo o que luz
é ouro.

Theodora, que não é uma tragedia,
que não é uma comedia, que não é um
drama, participa de tudo isso e parece
até entrar um pouco pelo dominio da
opera lyrica e, o que mais, da opera
comica.

E' uma especie de zarzuela sem mu-
sica, um dramalhão com pretensões a
peça historica; uma tragedia em lin-
guagem de comedia, uma comedia sem
espírito e cheia de *ficelles*, com um rei
de magia e mais outras calamidades,
como sejam envenenamentos, estran-
gulamentos, punhaladas e o resto.

Theodora é commum de todos os ge-
neros theatraes; não tem character, não
tem litteratura, não ensina, não cor-
rompe, não enthusiasma; mas diverte.

Diverte, porque foi arranjada, não
com arte nem sciencia, mas com geito.
O publico não chora com os persona-
gens da peça, não os toma a serio; mas
acompanha-lhes os passos com um certo
interesse e um risinho á superficie dos
labios.

Em Pariz ella servio para se ver até
que ponto vae hoje a moderna arte de
encenação e até que ponto chegou o
barulhento prestigio de Sarah Ber-
nhardt.

Entretanto, o dialogo do ultimo qua-
dro, que é o menos carregado e o mais
verdadeiro de todos elles, respira um

certo perfum de poesia, e não deixa de
ter o seu *que* de humano, quando a ce-
lebre meretriz imperial, depois de ou-
vir uma terrivel descompostura do
amante, observa-lhe que elle ainda a
ama, porque ao contrario não a insulta-
ria tanto.

E' de bom effeito aquella paixão sen-
sual, irresistivel, que atrai uma impe-
ratriz prostituta aos pés de um moço
valente e revolucionario, e que lhe ar-
rança de dentro da carne estas pa-
lavras:

— Mas porque ha de ser que, apesar
de tão brutalmente offendida, eu não
posso me tirar de junto d'elle? Anda!
Insulta mais! Descompõe ainda!

Quanto á interpretação que deu á
Theodora a companhia Chiacchi, se não
foi brilhante como a que teve na *Porte*
S. Martin, foi ao menos mais propria
e mais conscienciosa.

Duse-Checeli, a quem falta figura
para fazer a mulher de Justiniano, apre-
senta-se rigorosamente trajada á bysan-
tina, e não cedeu, como Sarah Ber-
nhardt á phantasia de trazer um ves-
tido elegante, com seis metros de cauda.

E afinal Sarah teve razão; porque,
mettida naquella especie de casula,
faria o effeito de uma sandwich.

Theodora é um papel difficil, não
pelo que exige de esforço artistico, mas
pela difficuldade de representar fiel-
mente o typo de uma mulher cele-
brada mais em honra da sua historica
formosura, do que por outra qualquer
qualidade.

A actriz que o fizer deve lembrar ao
publico a correção da esculptura an-
tiga; deve ser bella, forte e violenta
nos sobresaltos do seu amor. Duse-
Checeli não conseguiu isso, porque
isso não se consegue com o talento.

Nos a preferimos em qualquer outra
peça do seu repertorio, o que egual-
mente succede a respeito de Andô, que,
embora correcto e consciencioso como
sempre, não conseguiu dar-nos um An-
dréa completo, de Masi e de todos os
outros artistas da companhia, excep-
ção feita da que se encarregou da
feiteira Tanyres, em cujo papel, sen-
tió-se mais á vontade do que os seus
collegas nos que lhes couberam.

Quanto á *mise-en-scène* — nem opu-
lenta, nem pobre: aceitavel. Os vesti-
dos de *Theodora* e Justiniano são ricos.

A companhia representa hoje, em
ultima recita de assignatura, o *Divor-
ciemo-nos!* — peça em que Duse e Andô
agradaram muitissimo.

E *Frou-Frou*, quando a repetirão?

O estimado actor Simões organ'izou
uma companhia dramatica de que fa-
zem parte Apollonia, Moniz, Ferreira,
Adelaide Pereira e quasi todos os ar-
tistas da extincta empresa Apollonia.

Estréa hoje no Sant' Anna com *O Pa-
llaco*, um drama conhecido e que agrada-
dou muito.

A nova companhia vae fazer breve-
mente uma excursão pelas provincias.

Que seja tão feliz quanto merece — é
o que lhe deixamos.

A companhia do Recreio Dramatico
que interrompeu as representações da
lenda de Echegaray — *No seio da morte*,
vae continuá-las na proxima semana,
sendo a primeira representação da *re-
prise* a recita dos traductores. O dia não
está ainda mareado.

O mais frequentemente não é o espi-
rito, é a animalidade que nos salva em
nossas paixões.

A. HOUSSAYE.

A VIDA ELEGANTE

Mais um concerto brilhante realizou
na quinta-feira o Club Beethoven.

O programma, como sempre, foi bem
escolhido e nelle se fizeram ouvir, muito
applaudidos por um selecto au-dietorio
os Srs. Otto Beck, F. Bernardelli, F.
do Nascimento e outros distinctos con-
certistas, cuja proficiencia é bem co-
nhecida dos frequentadores do Beetho-
ven.

Popper, Schumann, Ponchielli, Ernst,
Spohr, Boito, Oschakowsky, Jadas-
solni, Beethoven e Nascimento são
nomes que ainda a esta hora devem ser
recordados agradavelmente por todos
aquelles que tiveram a felicidade de
passar alguns momentos deliciosos, ou-
vindo as suas peças executadas com
toda a mestria.

Papillons, de Popper, para violoncello,
foi bisada e ao Sr. F. do Nascimento
couberam muitos, muitos applausos;
mas tambem o Sr. Nascimento abri-
lhantou tanto aquella excellente festa
que não podiam fazer outro cousa se-
não applaudil-o calorosamente.

Que continue o Club Beethoven a or-
ganisar magnificos concertos como o
de quinta-feira é o que sinceramente
desejamos. E é de esperar, porque nisso
é muito caprichosa a sua digna dire-
ctoria.

LORNON.

Uma carta de mulher, por mais amo-
rosa que seja, é sempre uma lettra á
vista, que é preciso pagar, qualquer
que seja a moda.

A. HOUSSAYE.

BELLAS ARTES

Ha mezes que fomos surpreendidos
pela tristissima noticia da morte de Ge-
neroso Frate, artista de muito talento,
apenas no alvorecer da existencia, e que
ainda não contava um anno de domi-
cilio em nosso paiz.

Abandonando o mundo, quando a
madrugada de sua vida começava a tin-
gir-se de alegres cores, não teve tempo
de popularisar o seu nome que, ao certo
teria encontrado sympathias por entre
corações sensiveis e intelligencias cul-
tas. Modesto e alegre, alegre por ex-
cellencia, deixando ver, na physiono-
mia, os seus mais puros traços, como
se dentro d'alma tivesse, constante-
mente, a cantar um bando de canarios
Generoso passou por nós quasi des-
conhecido.

Poucas vezes expoz, e mesmo, dizia
elle a todos que não ambicionava a
gloria. Trabalhava por satisfação pro-
pria, contentava-se com pouco dinheiro,
queria ser alegre, queria ser bom, sem-
pre encontrava em cada pessoa que lhe
estendesse a mão um camarada sincero,
sem desconfiança e sem odios.

E realisava esse desejo, que, para
mim, é a mais forte, a mais exhuber-
rante prova de bondade e de cons-
ciencia que se poderá apresentar.

Agora, que d'elle resta apenas lem-
brauca na memoria dos poucos que o
conheciam; agora, que a terra haurio
de todo a materia decomposta d'aquelle
laborioso cerebro, fecundando com ella
as raizes dos cyprestes e os troncos das
roseiras, vae o seu nome ser pronun-
ciado com estima por todos que hajam
visto os seus trabalhos expostos na
casa De Wilde.

Pela iniciativa do Exm. Sr. Consul
da Italia e do paysagista Faechinetti,

foram reunidos todos os bosquejos, desenhos e esboços que Generoso deixara no atelier, para, por meio de uma venda, reunir quantia que possa mitigar as necessidades da pobre e velha mãe do artista.

Generoso possuía um estylo largo, amplo, expresso com immensa habilitade de traço, quasi sempre seguro e delicado. Por alguns desenhos expostos, poder-se-á julgar bem dos seus conhecimentos e determinar a sua maneira. Não era um artista grave, compenetrando-se de assumptos cuja execução exigisse methodo e grande somma de saber; tinha a leveza, o contorno rapido e elegante dos decoradores, e o toque simples e forte dos impressionistas.

Esta facilidade de fazer rapido deixa adynhar a lucta que o artista havia de travar para executar *sujeitos* em grande estylo, quadros de grande escola, e por isso, se bem que não lhe faltasse sentimento artistico, escolhia sempre assumptos que podessem equilibrar-se com a sua força e estivessem de accordo com a sua maneira e o seu temperamento. Na *palheta-suja*, retrato da Exma. esposa de um dos nossos intelligentes artistas, no retrato esboçado de Nicoláu Fracchinetti, no *Somno da infancia*, nas porcellanas desenhadas a fumo, nos pequenos bosquejos a lapis e nas *esquissas*, sempre encontra-se o mesmo genero decorativo, a mesma maneira despretenciosa e facil, elegante e ligeira. Entre os trabalhos expostos ha um retrato de senhora, retrato grave, em que faltam aquellas ondas caprichosas de gaze, aquelles tons brilhantes de sedas claras, aquelles toques factos, copiados em modelos cheios de moidade e de graça.

Este retrato destoa completamente do resto de suas obras.

E' bem desenhado e é bem pintado, porém ha o quer que seja que o faz frio, que o deixa parecer incompleto, sem verdade, sem vida, como se o artista o tivesse copiado de cartão photographico para satisfazer, simplesmente, a uma encomenda.

A mim, não me custa crer que uma vez afastado de *sujeitos* que possam facilitar a phantasia, o artista muito tinha a perder. E esta asserção é comprovada por esse unico trabalho, tão isolado de todos os outros, tão triste no agrupamento d'aquellas obras em que se está vendo uma personalidade, a authentica expressão de um temperamento alegre, bulicoso.

Quando um artista se habitua a tomar assumptos relacionados uns com os outros, quero dizer, eguaes na maneira de fazer, custa a apresentar obra que satisfaça, em genero diverso.

Ainda no *Salon* d'este anno isto ficou provado com os dois quadros de Clairin — *Après la victoire* — e — *Les maures en Espagne*, que, na opinião da critica parisiense, são duas obras executadas com muito talento, mas que longe estão de recordar o delicado Clairin de trez annos passados, o sympathico auctor de *Frou-frou*.

Entquanto ás obras de Generoso, essas obras apenas esboçadas que vão ser postas à venda, digo convicto — são boas, são muito boas.

ALFREDO PALHETA.

O que vulgarmente se chama uma menina *bem educada* é uma rapariga muito mal educada, uma mulher inutil.

PROUDHON.

POESIA E POETAS

Com o titulo — *Bohemias* publicou o Sr. Arthur Duarte um volume de poesias que, resentindo-se ainda dos defeitos proprios de quem estreia, todavia, é uma prova de que o seu auctor tem talento e que para o futuro poderá offercer-nos outros trabalhos de merito mais elevado.

Quem começa como o poeta das *Bohemias*, contrahe desde logo uma obrigação para com aquelles que applaudiram e apreciaram os seus versos.

Esta obrigação é a de apresentar mais tarde trabalhos onde a impressionabilidade do homem esteja a par das qualidades intrinsecas do artista; onde se reconheça que o poeta se desenvolveu e que os seus dotes poeticos se accentuaram.

E' preciso evoluir, dar aos seus trabalhos um cunho mais original; estudar, observar, impressionar-se para modificar o ambiente das suas idéas; saber sentir e saber externar e descrever o que sente e o que pensa.

Acreditamos que é esta a aspiração de todos aquelles que estreiam.

A vida do poeta é mais complexa, é mais intensa do que a de qualquer outro homem. A poesia suppõe relações mais directas com os phenomenos naturaes que cercam o individuo, com a marcha crescente das idéas, com a trajectoria traçada ao pensamento pela nova concepção das cousas.

Vacillando ainda, impulsionado antes por uma simples intuição da arte poetica do que pelo conhecimento do que seja realmente a poesia, o joven poeta das *Bohemias*, deixa ás vezes transparecer nos seus versos uma impressionabilidade, uma doçura de temperamento que se expande pela primeira vez, que se extasia deante da natureza, mas que não a comprehende bem, que não possui ainda a força necessaria nas suas azas para equilibrar-se, para subir até onde possa attingir a sua phantasia de poeta.

Acreditamos, contudo, que o Sr. Arthur Duarte procura alcançar o logar que lhe está reservado como cultor das letras.

Porém isto só conseguirá estudando e estudando muito.

E' preciso oppor um obstaculo à corrente que costuma envolver e arrastar em suas aguas os moços de talento em nosso paiz.

Muito creança ainda para resistir às tendencias da sua natureza irrequieta e versatil, o poeta das *Bohemias* deixa-se levar pela espiral de fumo de seus sonhos de moço, cuidando mais do agradável do que do util.

De duas uma: ou o poeta alimenta a sua intelligencia, amplia-a, robustece-a, ou então abandone de uma vez para sempre a poesia. Deve comprehender que de hora em deante todos os livros que publicar devem ser muito superiores ao livro com que prendeu o seu nome à litteratura patria. A ter de parar nas *Bohemias* é preferivel não escrever mais versos. Se falamos com esta franqueza é porque ha neste volume de versos alguma cousa que nos dá a convicção de que o seu auctor é poeta e de boa tempera.

AMBROSIO SEVERO.

Em Inglaterra um cão da camara dos Lords preferiria cortar seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse elle tão honesto como Catão ou solido no trabalho como uma machina.

EÇA DE QUEIROZ.

FACTOS E NOTICIAS

SPORT

Estreou magnificamente o *Derby Club* no domingo passado. A concorrência foi extraordinaria; o que não admirou a ninguém, tratando-se de uma inauguração e sendo dos melhores, dos mais famosos cavallos os que deviam correr. As obras não estavam concluidas; mas agradaram geralmente pela solidez, elegancia e largueza com que estão sendo construidas.

Foram animadissimas as corridas; foi pena que o ultimo pareo se realizasse depois do anoitecer, o que foi de grande inconveniencia. Bargossi, o celebre andarilho e sua mulher *andaram e correram* denodadamente, a valer.

Correr 2000 metros em 11 minutos não é brincadeira.

Boa festa; parabens.

Amanhã — corridas no Jockey Club, Tentador programma! Se ousassemos palpitar...

Ousemos... ousar. Palpitemos.

No primeiro pareo uma *poule* na *Regalia*; mas, por causa das duvidas; vá, meia *poule* na *Africa*; no segundo pareo — tudo em *Phrynéa*.

No terceiro — muito em *Sybilla*, mas seguiremo-nos também no *Druid*; não é impossivel que seja este o vencedor; no quarto — tudo em *Lucifer*; no quinto — deve ser esta a ordem dos cavallos ao chegarem: *Sylvia II*, *Boreas* e *Talisman*; no sexto — muito em *Damieta* e no septimo — tudo, tudo em *Atalanta*!

E enganar-nos-emos?

Em todo caso são estas as nossas palpitações.

Sabemos que o nosso distincto patriota Carlos de Mesquita acaba de ser contemplado com duas menções honrosas nas classes de orgão e fuga do Conservatorio de Paris.

Ao esperançoso musico os nossos sinceros parabens.

O PROGRAMMA AVISADOR, ao qual desejamos uma vida sempre brilhante, como teve até agora, — completou no dia 5 um anno de existencia e nos mimoseou com uma elegante caixinha de sabonozas amenloas.

Enviamos d'aqui as nossas sinceras felicitações ao collega e... *mille grazie, mille grazie*.

BALÃO JULIO CEZAR

O *Diccionario Universal Portuguez* dedicou algumas paginas a este nosso distincto compatriota, na parte referente aos balões. A pagina 611 traz elle uma bellissima noticia sobre a descoberta da direcção dos balões, e trata de uma maneira altamente louvavel do systema — Julio Cezar.

Os nossos leitores devem saber que o nosso compatriota foi victima da esperteza dos Srs. Ch. Renard e A. Krebs, capitães francezes, que se aproveitaram da sua idéa, e querem roubar-nos e ao seu auctor a gloria d'esta grande descoberta.

A este respeito diz o *Diccionario Universal*: «O que é lamentavel é que não tenham feito ao engenhoso inventor a devida justiça, conservando-lhe perante o mundo scientifico a gloria indiscutivel da idéa por elles aproveitada.»

Esta esperteza exigia um protesto energico e prompto. Julio Cezar fello e publicou-o em Pariz. O *Diccionario Universal* transcreve-o na sua integra.

Em nome de todos os brasileiros agradeçamos ao illustre Sr. Fernandes Costa, director d'esta importantissima encyclopedia, as paginas dedicadas ao nosso distincto compatriota.

Falleceram :

- em Portugal, o commendador Luiz Antonio da Costa Braga, antigo negociante desta praça e ultimamente director do Banco Commercial de Braga; era pae do conhecido empresario Braga Junior;
- em Sergipe, D. Rosa Candida Dias Sobral;
- no Pará, o major Esculapio J. do O. d'Almeida;
- na provincia do Espirito-Santo, o fazendeiro Cantidiano Vieira Coitinho,
- em Lorena, o Sr. conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo Junior; filho do senador José Bento e director geral da secretaria da justiça;
- no Rio Grande do Sul, em Livramento, D. Anna Marins; e no Rio-Grande, o coronel Antonio Bonone Martins Vianna, na idade de 72 annos;
- em S. José de Além Parahyba, João E. Teixeira Coelho;
- na freguezia de Irajá Albino Jacomo da Silva;
- em S. João da Barra o partidor e distribuidor do foro Joaquim Vieira da Silva;
- em S. Paulo o negociante Frederico Bayerlein.

Foram agraciados com os seguintes graus das ordens:

Da Rosa: dignitario, conselheiro João Vicente Torres Homem, em attenção aos relevantes serviços prestados ás letras e ao ensino na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;

Commendador, Dr. José Pereira Guimarães, em attenção a serviços identicos;

Official, Dr. Antonio Alfredo da Gama e Mello, pelos relevantes serviços prestados ao Estado e á instrucção publica.

De Christo: Commendador, padre Felippe Benicio da Fonseca Galvão, por eguaes serviços.

Eis uns commendadores que honram as commendas e umas commendas que, apesar do descrédito merecido em que esse genero de graças tem cahido, honram os seus respectivos commendados. Parabens aos agraciados mas especialmente ao governo, que, d'esta vez, fez uma cousa boa, fazendo alguns commendadores; o que nem todos os dias lhe acontece. Dizemos-lhe, pois, como Figaro a D. Bazilio: — Lavre lá um tento, senhor governo!

Tomará estado na proxima semana o joven critico de arte Luiz Gonzaga Duque Estrada, nosso sympathico collaborador.

Partirão a 20 d'este mez para a Europa os notaveis artistas Furtado Coelho e sua Exma. senhora.

Vão a Lisboa e Paris e d'ali á Italia, onde pretendem demorar-se trez mezes. Consta que em Maio de 1886 estarão de novo nesta Corte para emprenderem uma excursão artistica pelo norte do Imperio, contratados pelos empresarios Celestino e Braga Junior.

No dia 2 do corrente completou a *Gazeta de Noticias* o seu decimo anno de existencia. Quando não fosse ella

credora da nossa sympathia e do nosso respeito pelos seus altos merecimentos, bastaria o facto de contar o director d'*A Semana* tantos e tão dedicados amigos na redacção d'aquella folha para que esta a felicitasse cordealmente, como cordealmente a felicitava.

Em beneficio da Exma. viuva do Dr. Joaquim Manuel de Macedo, o nosso illustre e saudoso romancista fallecido em estado de pobreza, vai proximo realizar-se um espectáculo no Recreio Dramatico. Acreditamos que não será preciso fazer *réclame*, nem pedir protecção para este espectáculo. Dizemol-o em honra dos sentimentos do nosso publico.

Um homem de trinta annos seduz uma menina de quinze—é a menina que fica deshourada! E' isso a Opinião Publica.

STENDHAL.

COLLABORAÇÃO

A SULTANA

A languida sultana, mollemente
Emvolta em lençoes leves, alvejantes,
Conta ao sultão uns contos deslumbrantes
Das terras encantadas do Oriente.

Fala das grandes casas construidas
De um excellente marmore alvadio;
Das filhas de Bassora, languécidas
Aos beijos de um rei morbido, sombrio;

Dos brocados finissimos, franjados
De alvinitente prata e perfumados
De um exquisito aroma embriagante...

E o sultão, pelas frestas da dourada
Janella, espreita a linda madrugada
Que desponta no lucido levante.

Fevereiro de 1885.

CAMILLO DE ASSIS.

Um velho estava ao meu lado no *Café Riche*. O creado, depois de lhe ter descripto todos os pratos, perguntou-lhe o que é que desejava.

— O que eu desejo... o que eu desejo é... ter um desejo!

Era a velhice—esse velho.

ED. A. JULES DE GONCOURT.

TRATOS Á BOLA

Estão sendo, ó carissimos leitores, estes *Tratos* por vos mui maltratados! Que mal vos fez o *D. Pastel*? Que horrores

Pode inspirar-vos elle—que cuidados! so tem tido por vos, decifradores? *D. Empadinha, Caleçon, Valerius, Borba, Carez* oh! não sejais tão máus. Vinde á nos! São os *tratos* uns mysterios,

e não é *D. Pastel* um dois de páus. São mysterios, porém, isto é verdade, tendes nelles mettido os vossos dentes e levado p'ra casa com vontade os ricos premios, os gentis presentes. Sempre e sempre no *Diario de Noticias*

os vossos caros nomes deparamos, e por lá não vos dão estas *caricias*: os bellos premios que vos offertimos.

Aos *tratos* pois, carissimos leitores, que *D. Pastel* por vos morre de amores!

D'esta vez abiscoita e com razão, um exemplar da bella *Illustração* um *Seu Fuão*.

Quanto aos *Quatros Poemas* (Attenção!) pertencem, ai meu Deus, que fetizão! a *Pastelão*.

Mandem buscal-os, que os receberão.

P'ra hoje as *tratices*
Ai não são tolices!
São estas, senhores,
Decifradores:
(E' trabalhar,
Parafusar,
E tratos dar
P'ra decifrar.
Para ganhar
Premios, e até
Pasteis, olé!)

PROVERBIO ENYGMATA (1)

1 1 2
Aquelle que— verbo— fuso—
2 2
assassina— panno. *Cabeçudo*.
1—2
Cá dentro— de— Pêga l
1—1—2 1—2
—cala-se— embaraco. *Cautêla!*

Antiga

Será uma côr, se assim quizer,
Mas voará
Se uma só letra lhe pospuzer;
Decifre lá.

Novissimas

2—2— Na empala ou nas praças é mendigo este passarinho.
3—2— Na ferida tem elade este jornalista immudo.

TELEGRAPHICAS

1—1—Chapa é animal,
1—1—Broca é animal.

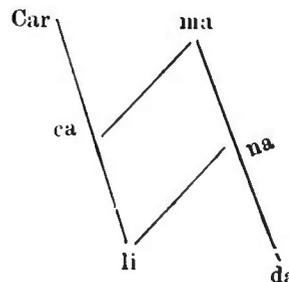
INVERTIDAS

2—Este vento canta
2—Este homem é panno fino.

CALIMBURGUESCA:

Sabeis o que eu asso para comer— numa casa?

Eis as decifrações dos *Tratos* do n. 29: Do *zig-zag*:



da antiga *Felippe*: dos proverbios- enygnas—*Amor com amor se paga e Quem tem dô de angü não cria cachorro*; das calimburguescas—*Capacete e Laconico* e das invertidas—*Paca (capa) e coia (taco)*

(1) Vide o n. 28.

PREMIOS

Eis os premios, charadeiros : Vinde leves e lampeiros ! Ganha quem primeiro chegar ! pois que o premio lhe compete, e lhe será logo entregue, esta obra : « *L'œuvre complète, de Victor Hugo* ». O *Correio da Europa*, um lindo almanak, (que só não tem de Bismark o retrato, porque é feio), este é o premio do segundo que levantar o cartel. É altivo, á face do mundo, assigno-me

D. PASTEL.

Nossa alma, como vós, ventos, turba sonora, Tem seu Norte, seu Sul, seu Poente, sua Aurora

V. HUGO.

RECEITAS CULINARIAS

Sôpa magra de macarrão á "Theodora"

Escolham-se peixes de diversas especies, não esquecendo nem enguias, nem mariscos, cerca de um kilo por conviva, cortem-se e ponham-se numa panella, com um copo grande de agua por cada kilo de peixe, uma cebola cortada meúdo e quatro cabeças de cravos da India, um punhado de salsa, pimenta, sal, louro, açafraão, um pedacinho de casca de laranja amarga e algum azeite (Plagnol); faça-se ferver tudo até que o caldo se torne gelatinoso.

Passe-se depois este caldo a través de uma panella-peneira e ajunte-se o macarrão, que já deve estar meio cozido, leve-se ao fogo de novo, retirando-se logo que o macarrão esteja completamente cozido.

O peixe ter-se-á desfeito e formará o caldo. Toda a difficuldade d'este prato consiste na escolha de bom peixe (que deve ser muito variado) e na quantidade de macarrão a deitar no caldo para que a sôpa não fique muito grossa. Recommenla-se esta sôpa para os dias em que se queira apresentar duas, ou então para os dias de jejum.

Experimentem, aconselha-vos o CABRION.

RECEBEMOS

- Do Sr. José de Mello.
- O fasciculo n. 24 do *Cadastro da Policia e um outro da Bibliotheca do Povo*, intitulado *Dirreito Internacional Maritimo*.
- Ns. 1 e 2 da *Revista mensal*, orgão do Club Litterario José Bonifacio.
- *União Medica*— fasciculo n. 8, anno V.
- *Revista Illustrada* n. 415. Soberba! Parabens ao denodado lapis abolicionista do Angelo.
- *O Grito do Povo*, n. 1.— Felicidade.
- Do Sr. Raymundo Perdigoão de Oliveira uma circular.
- *A Vespa*, n. 26.— Depois que o Netto abandonou-a é a primeira vez que nos visita com arte e espirito. A primeira pagina... Perdão. A pagina central traz um bello retrato de Duse-Checchi, devido ao lapis de Belmiro de Almeida e na ultima uma pilheria que é nossa, illustrada por *Alfinete*, que não é outro senão o proprio Belmiro. Ah !, se a *Vespa* consegue seduzil-o ! O texto é bom.

CORREIO

Ao Sr. que nos consultou sobre qual a expressão correcta das duas seguintes : « Não se admittem intruzos » e « Não se admittit—intruzos » temos a honra de responder que *A Semana* somente responde ás consultas que lhe são feitas por assignantes. Não podemos baratear um privilegio que exclusivamente lhes pertence.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio :—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUCCÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO

POR
ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'*A Semana*.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a
1\$000

OBRAS
á venda no escriptorio desta
folha:
DE VALENTIM MAGALHÃES
QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ
poemeto, 1\$000.
DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:
O GRAN GALEOTO
traducção do drama de Echegaray, 1\$000.
DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS
versos, 2\$000.

DE L. MURAT:
QUATRO POEMAS
versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO :
EVANGELINA
traducção do poema de Longfellow,
1\$000.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'*A SEMANA*, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typointegramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc., etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA
DE
DANTI ALEGHIERI

TRADUÇÃO DE
JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada canto com eruditissimas notas explicativas. Precede a traducção um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 1.º e 2.º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 800 rs. por cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:
Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e Redacção d'*A SEMANA*, Travessa do Ouvidor, 36; e na AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'*A Semana* (primeiro ses-mestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JOENAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOUË & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira

"LA SAISON" de Paris

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

MIO DE JENEIRO